

Da minha infância, guardo forte impressão sensorial das reuniões da família do meu pai. Gostos e cheiros, principalmente, mas também ruídos e o incessante movimento das pessoas e das roupas coloridas.

A maior parte dessas reuniões, senão mesmo a totalidade delas, se dava em torno de uma grande mesa plena de travessas fumegantes, molheiras coloridas, copos e taças abastecidos e esvaziados quase instantaneamente de refrigerantes, cerveja e vinho tinto, formas com sobremesas e sorvetes caseiros e bandejas de doces da Confeitaria Sol de Ouro, tendo como pano de fundo um cenário bucólico e a trilha sonora de um ensurdecedor ruído de conversas e mandíbulas a trabalhar.

Embora essas últimas atividades citadas sejam consideradas mutuamente exclusivas, nessas ocasiões conseguiam misturar-se e ainda deixar perceber em suas pausas infinitesimais gemidos, grunhidos, sussurros e suspiros de aprovação e deleite, enquanto as travessas rápida e misteriosamente esvaziavam.

Ao olhar para os comensais, entretanto, todo o mistério se desvanecia, tudo se explicava: meu pai e seus quatro irmãos mais novos, todos entre 1,55m e 1,65m de altura, ostentavam circunferências abdominais equivalentes, de tal forma que, à distância, podiam ser confundidos com seres esféricos de outro planeta.

Num desses regabofes na residência de campo de minha avó, à sombra de uma figueira centenária, a sobremesa tinha sido anunciada e todos saudavam entusiasticamente a aparição das bandejas de fios de ovos, papos de anjo, sorvetes e pudim, quando minha avó levantou uma das mãos à testa e lamentou-se:

- Oh, meu Deus! Esqueci de servir a maionese na entrada!

Todos se entreolharam e, numa fração de segundo, um brado uníssono ecoou, vindo das proeminentes caixas de ressonância de seus imensos ventres:

- Suspende a sobremesa! Que venha a maionese!

Não entendi aquela avidez, a gula desmedida que os unia, até a tarde em que, conversando com meu pai após mais um belo almoço, restrito a nosso ramo familiar, ele me contou das dificuldades que enfrentaram, minha avó e os filhos, quando meu avô largou a família e fugiu com a governanta espanhola. E completou:

- Eu tinha doze anos, mas jurei que trabalharia todos os dias de minha vida para que minha família nunca mais passasse fome.